

PERFORMATIVA POLÍTICA

MUT RÃO DE

PEDAGÓGICA MAGINAÇÃO



Eu não sou uma professora? Entre o passado e o presente, a ausência e a presença, a consciência e a memória. Aula imaginária Plantação de memórias autoetnográficas. Coletivo Parabelo. São Paulo. 2019. Fotografia Arquivo Coletivo Parabelo.

## Considerações sobre o último Mutyrão:

Nesse Mutyrão voltado à linha de força imaginária Plantação de Memórias Autoetnográficas, nos confrontamos com um imaginário social que institui um modelo de docência intrínseco a uma ideia de decência que compõe o regime das aparências escolares - para aludirmos a relação entre docência e decência feita pela participante Valéria Ribeiro ao relacionarmos os entendimentos de anti-mulher e anti-professora. Tal regime determina o que é permitido aparecer e o que deve desaparecer por meio de um processo educacional que tem como parâmetro a formação do sujeito moderno, enquadrado como homem, branco, livre-empresendedor, heterossexual, cristão, ou ainda, aquele que corporifica o poder em uma sociedade estruturada pelo racismo e pelo patriarcado. Aqueles/as que não se enquadram nesse perfil vivem à mercê das políticas da morte ou necropolíticas, conforme nomeado pelo professor e filósofo camaronês Achille Mbembe, dedicando a existência a uma constante fuga do aniquilamento, muitas vezes reproduzindo as mesmas violências que lhes são infligidas. Por esta perspectiva, ser professor/a consiste em uma luta constante tanto para se enquadrar aos parâmetros de sujeito moderno, quanto para não se enquadrar a estes parâmetros, no caso daqueles/as que não se conformam em corroborar com a manutenção de uma supremacia branca e da heterossexualidade compulsória. Em meio a este embate, atentamos ao papel da escrita na ativação da memória pela prática autoetnográfica performativa. Isto pois, a escrita pode se constituir como uma maneira de não esquecermos dos atos de violência que não cessam de fundar a sociedade brasileira, ao escrevermos com a força da nossa presença como um ato de resistência, sem nos deixarmos reduzir aos números e dados sem rosto que muitas vezes correm o risco de tão somente justificarem os destinos que nos são profetizados.

## Local e horário do próximo Mutyrão:

Nosso próximo Mutyrão está marcado para o dia 25 de novembro de 2019, segunda-feira, das 17h às 20h, no Espaço Open Arts - Rua Quatorze de julho, 74, Bela Vista, São Paulo/SP.

## Proposta do próximo Mutyrão:

Neste último encontro do Mutyrão de Imaginação Performativa, Política e Pedagógica em 2019, pretendemos realizar uma conversa a respeito deste período em que imaginamos juntos formas de fazer arte, educação e política, por meio da experimentação de aulas imaginárias vinculadas a três linhas de força nomeadas como: Táticas Afetivas Anarcadêmicas, Plantação de Memórias Autoetnográficas

e Desejo de Rua Transpedagógico. Cada uma dessas linhas de força suscitaram diferentes indagações que nos levaram a pensar sobre nossas práticas enquanto professores/as, performers e pesquisadores/as, ao nos atentarmos às relações que estabelecemos com os outros, quando compreendemos "outros" em um sentido amplo que envolve desde o ambiente no qual estamos, uma caixa preta, uma rua, uma sala de aula; até as pessoas que habitam esses ambientes, professores/as, performers, estudantes, passantes, moradores em situação de rua, vendedores ambulantes etc. Para este momento de finalização de um processo poderíamos conversar sobre questionamentos que permaneceram e que emergiram dessa experiência com os Mutyrões. Sem respostas definitivas, definitivas e determinantes de sentidos fixos, prontos e dados como uma verdade unívoca, persistimos em questões como: o que faz de uma escola uma escola? De que maneira temos compreendido nossa prática enquanto professores/as, performers e pesquisadores/as? Que implicações históricas, sociais, culturais estão vinculadas aos modos como percebemos e somos percebidos enquanto professores/as, performers e pesquisadores/as? Ou ainda, que implicações históricas, sociais, culturais estão vinculadas aos modos como percebemos e somos percebidos no espaço urbano? De que maneira temos compreendido as relações que estabelecemos com a cidade?

A partir desses e outros questionamentos relativos à experiência com os Mutyrões, sugerimos que, ao longo dessa semana, você observe os objetos, utensílios e mobiliários utilizados na sua vida cotidiana em âmbito exclusivamente doméstico. A partir dessa observação, pedimos que você se pergunte: quais desses objetos, utensílios ou mobiliários podem ser lidos como metáforas daquilo que eu gostaria de oferecer para o mundo? Que objeto, utensílio ou mobiliário pode ser lido como uma metáfora daquilo que eu gostaria de compartilhar com os outros, ou ainda, quais desses objetos, utensílios ou mobiliários podem ser lidos como metáforas daquilo que eu valorizei na minha convivência com os participantes do Mutyrão ao longo do semestre? Assim, na próxima segunda-feira pedimos que você carregue em seus braços o objeto, o utensílio ou o mobiliário escolhido ao longo de todo seu percurso - desde o seu local de origem até o estúdio. Ao chegar no estúdio, o objeto, utensílio ou mobiliário em questão deverá ser colocado silenciosamente em cima da mesa localizada no espaço.

### Combinados para os próximos Mutyrões:

- A Valéria Ribeiro se responsabilizou pela escrita do Andaime a fim de registrar o último Mutyrão. Seu registro deverá ser apresentado no próximo encontro.

- Por favor, não esqueçam de trazer o material de trabalho do Erratório. Todo o material deverá ser devolvido ao Coletivo Parabelo ao término do encontro.



- Solicitamos o uso de peças de roupa sem estampa apenas em cores frias (branco,

preto, cinza, azul etc).

- O participante Marcelo Prudente informou que não poderá participar do último encontro do Mutyrão.

- Nesse encontro, faremos uma avaliação da nossa experiência com o Mutyrão do longo do semestre. Por favor, fiquem à vontade para fazer contribuições à avaliação a partir da sua participação no Mutyrão.

- As leituras sugeridas para o próximo Mutyrão têm o intuito de colaborarem com a auto-avaliação de cada um acerca da sua participação no Mutyrão.

### Leituras para o próximo Mutyrão:

GÓMEZ-PENA, Guillermo. Introduction: Performance as a radical pedagogy - a brief story. In: GÓMEZ-PENA, Guillermo; SIFUENTES, Roberto. Exercises for rebel artists: radical performance pedagogy. New York: Routledge, 2011, p.01-09.

- Trata-se da Introdução do livro "Exercises for rebel artists: radical performance pedagogy", escrita pelo artista chicano Guillermo Gómez-Peña. Nessa introdução, Gómez-Peña discorre sobre os desafios éticos, estéticos e políticos da pedagogia da performance criada pela organização artística transdisciplinar chamada La Pocha Nostra, da qual foi fundador.

HISSA, Cássio. Entrenotas: Compreensões de pesquisa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013, p.17-22; p.29-46; p.73-83; p. 107-119; p. 171-188.

- Tratam-se de 45 notas retiradas do livro "Entrenotas - compreensões de pesquisa", escrito pelo professor e geógrafo brasileiro Cássio Eduardo Vianna Hissa. No livro o autor questiona a separação Arte e Ciência, a fim de repensar aquilo que temos entendido como pesquisa na universidade moderna. Para tanto, o autor discute o papel da imaginação, da invenção e da lentidão na nossa relação com procedimentos associados a uma certa concepção de pesquisa, a saber: projeto, leitura, escrita, metodologia, trabalho de campo, autoria, etc. A partir disso, Cássio Eduardo Vianna Hissa coloca em xeque os pressupostos modernos que procuram arregimentar os modelos de sujeitos produzidos pela universidade moderna, bem como, o modelo de universidade produzido pelo sujeito moderno, ao deslocar o entendimento de produção de conhecimento dos imperativos do eterno retorno do mesmo.

PIRES, Paulo Roberto. A crítica da razão lacradora. In: Revista Quatro Cinco Um, ed. 23, maio 2019. Disponível em: <https://www.quatrocincoum.com.br/br/colunas/c/a-critica-darazao-lacradora> Acesso: nov. 2019.

- Trata-se de um texto publicado na coluna Crítica Cultural da revista Quatro Cinco Um, pelo jornalista, editor e professor da UFRJ Paulo Roberto Pires. Como o próprio título sugere, o texto faz uma crítica a um tipo de racionalidade que parece estar em voga há um certo tempo, denominada pelo autor de "razão lacradora". A partir da máxima lançada em um misto de epígrafe com postagem de redes sociais, com direito a hashtag: "Lacrar é preciso, debater não é preciso", o autor apresenta os riscos do elogio a este tipo de racionalidade.